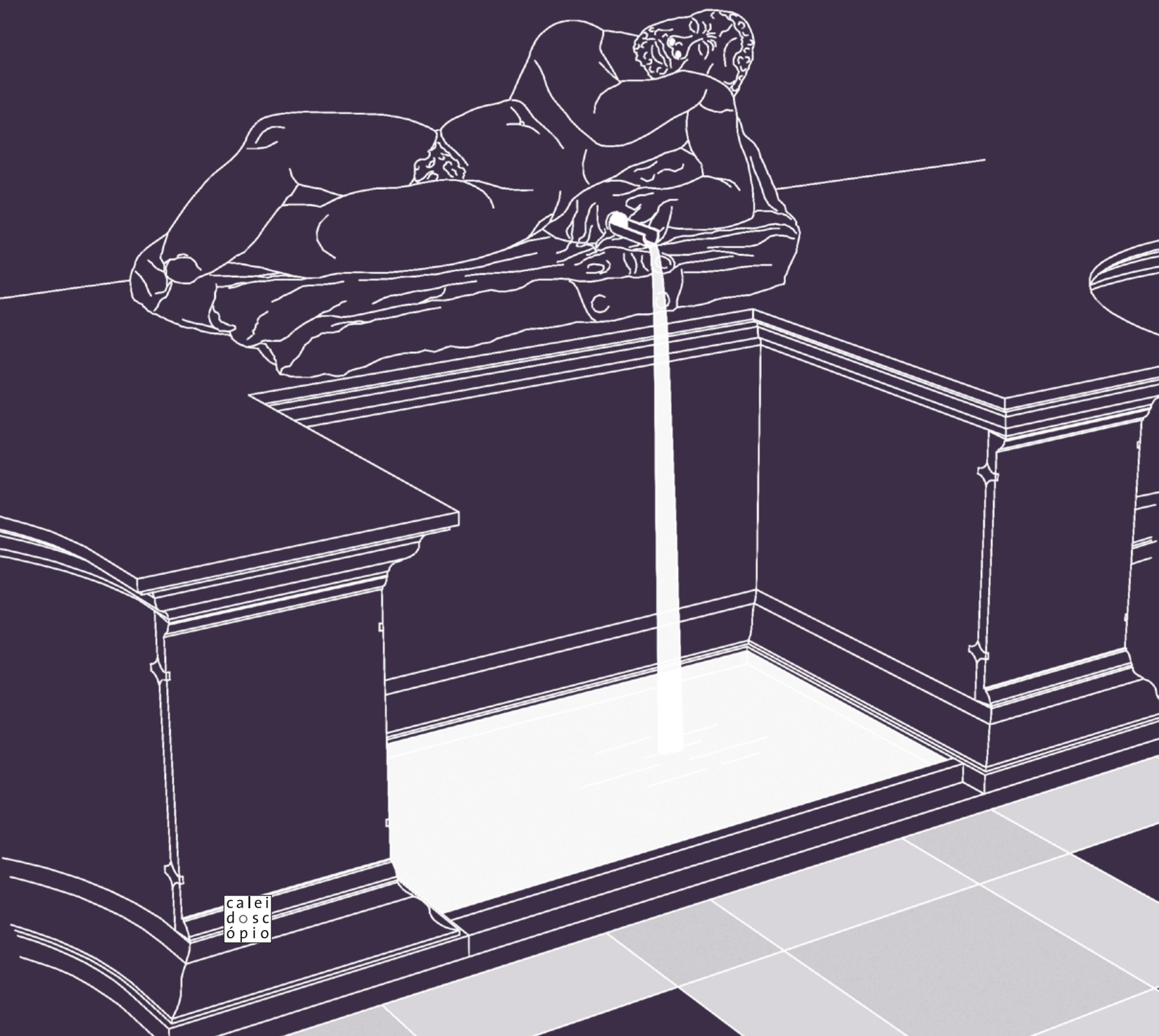


LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Os monumentos epigráficos





Mercurius Gubernator

○ timoneiro do rio

CÉZER SANTOS

Na *villa* romana da Quinta de São João / Quinta da Laranjeira, na Arrentela, Seixal surge uma invulgar estatueta em bronze que representa o deus dos mercadores e viajantes, Mercúrio. Esta servirá como pretexto para se fazer uma breve viagem ao que poderia ter sido o culto de Mercúrio em *Olisipo* e o no seu território. Três epígrafes dedicadas à divindade encontradas nesta cidade fornecem pistas acerca do ambiente sociocultural de quem prestava culto a este deus. A estatueta de Mercúrio encontrada no Seixal representa a divindade a segurar o que interpretamos como um remo, em vez da tradicional bolsa de moedas... qual o significado desta radical alteração de um dos seus principais atributos?

Génese e Atributos de Mercúrio

Mercúrio é uma das divindades mais populares no mundo romano, sobretudo nas províncias, sendo cultuado por diversos tipos de gente, havendo consagrações desde as de cariz privado até às públicas e oficiais. Em Roma era-lhe dedicado um dia – *Mercuralia* –, no qual se comemorava a abertura da época comercial, o início das navegações com o fim do inverno, e se abençoavam os comerciantes e as embarcações.

O teónimo *Mercurius* tem origem etimológica nos vocábulos latinos *merx* e *mercor*, que

significam “mercadoria” e “comerciar”. Supõe-se que terá surgido no mundo etrusco, devido à origem do radical *merc-* (Combet-Farnoux, 1981, p. 464). Tratava-se, primitivamente, de uma divindade que tutelava, em primeiro plano, questões relacionadas com as atividades mercantis. Só mais tarde, sob a influência da cultura helenística, é que Mercúrio será sincretizado com o Hermes grego, devido às semelhanças funcionais de ambos, adotando os atributos iconográficos e biográficos do deus helénico. Mercúrio, com esta “fusão”, torna-se numa das divindades mais polivalentes do panteão romano, adquirindo diversas funções: patrono dos mercadores, viajantes,

FIG. 4

Ilustração científica representando a estatueta do deus Mercúrio (da autoria de Mafalda Paiva).

ladrões, exemplo da eloquência, mensageiro dos deuses, guarda das estradas e cruzamentos e condutor das almas dos defuntos ao reino dos mortos. No entanto, manteve sempre como atributo principal, no mundo romano, a proteção do comércio e dos viajantes.

Tradicionalmente, a iconografia de Mercúrio representa-o como um homem jovem desnudo e atlético, vestindo apenas um manto (*chlamyde*), o chapéu alado (*petasus alatus*) e sandálias, também aladas (*endromidas*). Na mão direita segura uma bolsa de moedas que representa o comércio e o lucro (*marsupium*), e na mão esquerda o caduceu, símbolo da prosperidade (*Felicitas*).

Durante o Império, Mercúrio aparece frequentemente ligado ao Culto Imperial, evidenciando o epíteto de *Augustus*. Contudo, esta designação nem sempre é diretamente sinónima de Culto Imperial, podendo tratar-se apenas de um designativo próprio do léxico religioso, ora bastante vulgarizado e através do qual se pretenderá, antes do mais, evidenciar o carácter intrinsecamente sagrado e santo da divindade.

Culto de Mercúrio em Olisipo

A *Olisipo* romana, devido à sua implantação geográfica, era uma cidade com um forte cariz náutico, onde as diversas atividades comerciais seriam o pilar da sua economia. Portanto, não será de estranhar que o culto de Mercúrio fosse bastante popular nesta urbe. De facto, assim o era. A maior concentração de inscrições conhecidas relativas ao culto de Mercúrio na Península Ibérica localiza-se, precisamente, em *Olisipo*, apesar do conjunto epigráfico não ultrapassar os três monumentos (Baratta, 2001, p. 55). Podem-se somar ainda às epígrafes duas

representações figurativas da divindade em liga de bronze: uma, cuja origem é ainda incerta, mas provavelmente será proveniente do *Municipium* olisiponense, retrata o deus Mercúrio sentado (Pinto, 2007, p.567, fig. 3); a outra foi recolhida em contexto de escavação arqueológica numa *villa* romana localizada na Arrentela, Seixal (Fig. 1) (Santos, 2011, p. 525-541). Sobre esta estatueta falar-se-á mais adiante.

Dos três monumentos epigráficos conhecidos nenhum é consensual quanto à interpretação ou tradução: um encontra-se desaparecido e o registo primitivo levanta algumas questões, os outros dois estão fragmentados, conservando-se apenas parcialmente os textos neles grafados. Assim sendo, não se entrará nas questões de ordem técnica da epigrafia e tratar-se-á apenas do que diz respeito ao culto de Mercúrio e o que este poderá significar no contexto olisiponense.

O primeiro monumento epigráfico é consagrado a “*Mercurio Augusto*” por um indivíduo que se julga ter sido um liberto com o cargo de “*Augustal*” (Santos, 2011, p. 533-534). A segunda inscrição está incompleta mas, provavelmente, é também consagrada a “*Mercurio Augusto*”, a favor de “*Caesar Augustus*”. Foi oferecida por um indivíduo cujo cognome, iniciado em “*PH---*”, denuncia a sua qualidade de servo ou já como liberto (Santos, 2011, p. 535). Na terceira epígrafe, a divindade surge com um epíteto bastante invulgar, “*Mercurio Cohortali*” (Fig. 2). Porém, se atendermos à personalidade funcional deste deus, verifica-se que o epíteto pode remeter para um contexto relacionado com o mundo mercantil e das viagens, associando *Cohortalis* aos armazéns da administração (Mantas, 2002, p. 160), ou mesmo a estabelecimentos navais (Santos, 2011, p. 536).

FIG. 1

Mapa de localização do sítio romano da Quinta de São João / Quinta da Laranjeira.



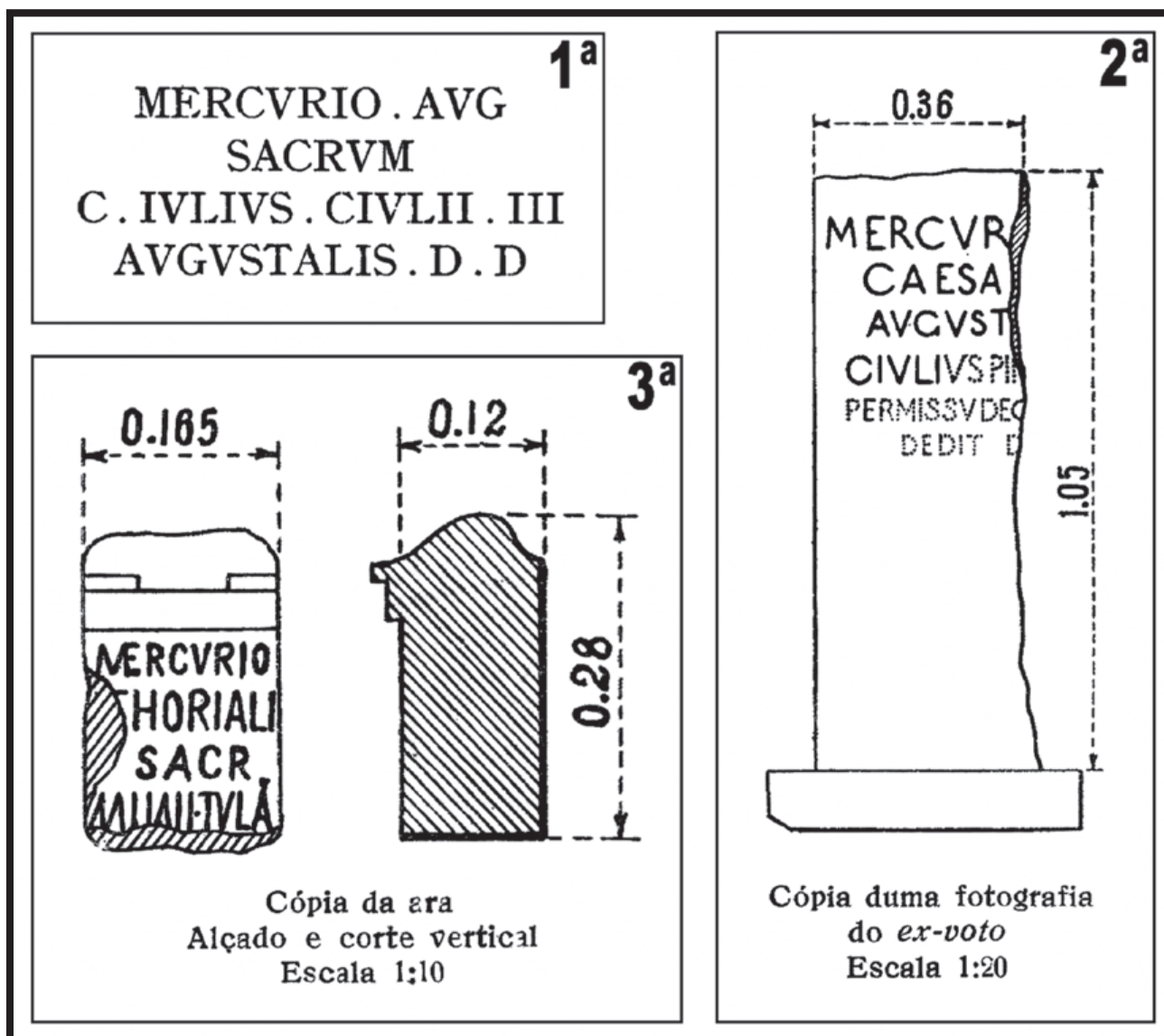


FIG. 2

Inscrições consagradas a Mercúrio encontradas em Lisboa.
Imagens retiradas da obra de Augusto Vieira da Silva (1944).

Ora, visto isto, o culto de Mercúrio em *Olisipo* parece estar muito relacionado com o Culto Imperial, não só de forma explícita (como no segundo caso referido acima), mas ainda porque grande percentagem dos cultuantes de Mercúrio são libertos abastados que frequentemente pertencem a colégios augustais. Através destes, poderiam participar oficialmente na vida pública romana, o que, de outro modo, lhes estaria vedado devido à sua condição social. No contexto da sociedade romana, faz sentido que no culto a Mercúrio se evidenciem os libertos, pois seriam estes que, frequentemente, desempenhavam atividades no setor económico e comercial.

A Estatueta de Mercúrio do Seixal

Numa suave encosta voltada a ocidente junto ao rio Judeu, um dos esteiros do Rio Tejo, em zona também conhecida como Baía do Seixal, localiza-se o sítio romano da Quinta de São João / Quinta da Laranjeira, em Arrentela, Seixal. A sua implantação privilegiada permite uma excecional ligação ao Tejo e, em particular, à cidade de *Olisipo*. Segundo a informação arqueológica disponível, pensa-se que se trate de uma *villa*, um estabelecimento do tipo “propriedade senhorial” composto pela mansão do proprietário

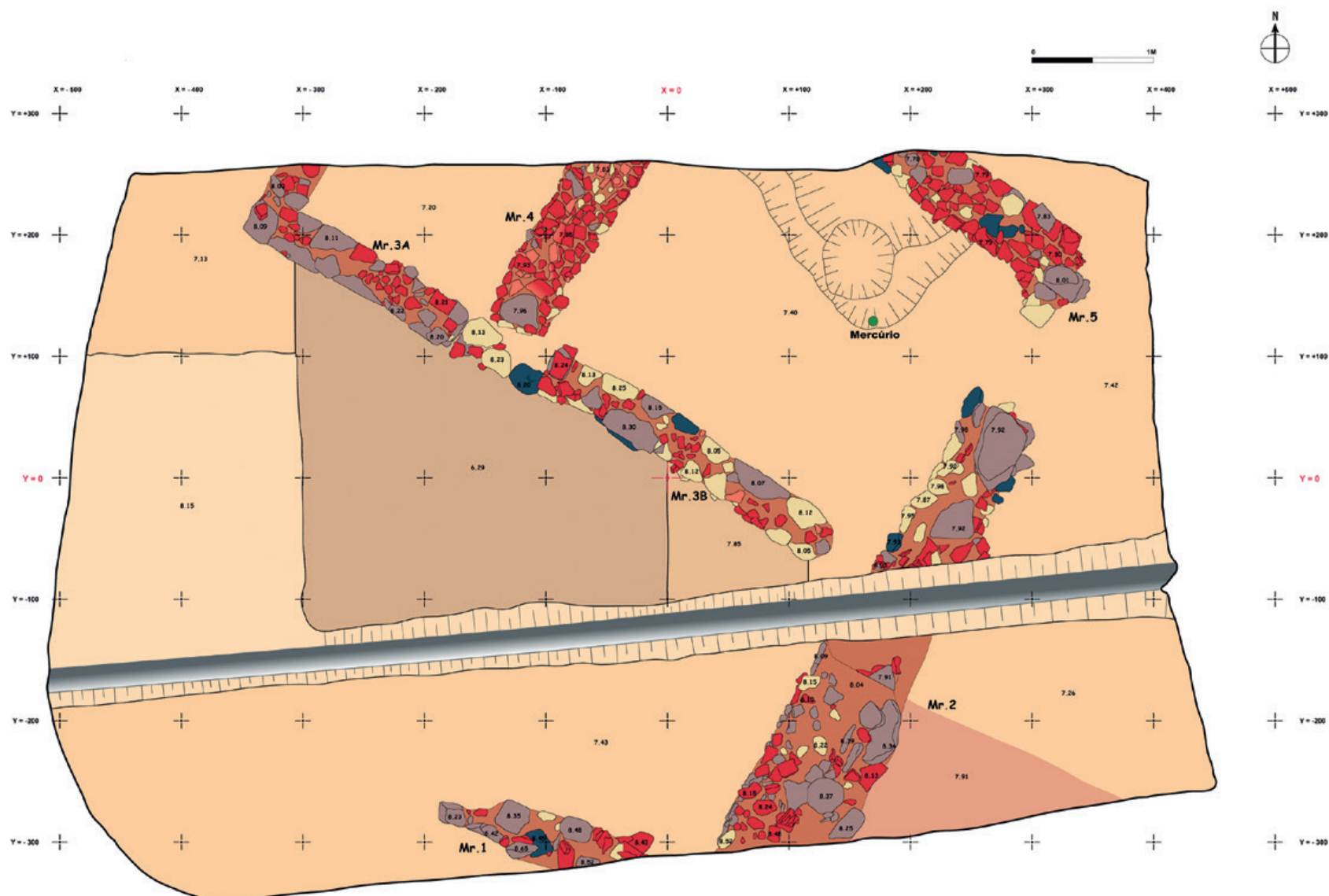


FIG. 3

Planta das estruturas escavadas no sítio romano da Quinta de S. João / Laranjeira com a implantação do local onde foi encontrada a estatueta.

e outras edificações de carácter agrícola e/ou oficial. Os materiais arqueológicos recolhidos no sítio permitem datar o período de funcionamento desta *villa* entre o século I e meados do século V d.C., denotando uma enorme longevidade de ocupação deste lugar em época romana.

Durante o ano 2003, numa escavação arqueológica aqui realizada pelos técnicos do Ecomuseu Municipal do Seixal, recolheu-se no interior de um covacho preenchido com carvões uma pequena estatueta em bronze que ilustra o deus Mercúrio (Fig. 3).

Esta representação da divindade tutelar dos mercadores e dos viajantes aparece-nos

sob a forma de um jovem adulto imberbe, nu e de pé (Fig. 4). O corpo apoia-se sobre a perna direita, que se encontra estendida. A perna esquerda está ligeiramente fletida e afastada, como que denunciando movimento, conferindo uma aparência bamboleante à anca. Esta posição imprime-lhe uma curvatura na zona pélvica, considerada característica do cânone de Praxíteles (Pinto, 2002, p. 137). Ostenta uma amputação em ambas as pernas a partir dos tornozelos, tendo-se perdido, assim, toda a zona dos pés e, possivelmente, das *endromidas* ou *alipes talaras* (asas das sandálias).

O torso é anatomicamente proporcionado e com musculatura realista e atlética.

A prega inguinal é proeminente e bem delineada, assim como os músculos abdominais e peitorais. O umbigo aparece igualmente bem representado. Veste apenas uma *chlamyde* (manto), presa sobre o ombro direito, ocultando a parte superior esquerda do torso e descaindo suavemente, tapando-lhe o mamilo esquerdo. As costas apresentam, também, uma anatomia bem cuidada, com o sulco sinusoidal profundo e nádegas bem definidas. A *chlamyde* cobre a parte superior esquerda das costas, descaindo sobre o braço e entrelaçando-se sobre o antebraço, ficando pendurada e afastada das pernas.

Segura no braço esquerdo o *caduceus*, que se encosta ao ombro, *caduceus* esse que ostenta um par de *alipes* (asas) na haste e duas serpentes entrelaçadas e afrontadas no topo. No braço direito foi aplicado um objeto que aparenta ser um remo, em detrimento da clássica bolsa de moedas com que habitualmente é representado. Este “remo” tem a haste “colada” ao coto do cotovelo, derivado de uma amputação accidental ou intencional, em resultado da qual o antebraço e a mão se encontram ausentes. A parte que se pode designar como a “pá do remo” está encostada à coxa da perna direita. Devemos destacar que este objeto é produzido em latão, liga metálica diferente da utilizada na restante peça (Fragoso, 2006, p. 77), o que, originalmente, criaria um contraste de cores evidente entre a figura de Mercúrio e o “remo”. Este é composto por uma longa haste, cuja extremidade superior é pontiaguda, devido, talvez, a uma fratura; a peça é mais espessada no ponto onde se encontra com o braço, onde adquire uma forma aproximadamente losangular, provavelmente para aumentar a zona de soldagem. Na extremidade inferior, a haste alarga-se gradualmente, até adquirir uma forma achatada e retangular que corresponde a cerca de $\frac{1}{4}$ do comprimento total do objeto.

A figura apresenta a cabeça ligeiramente voltada para a direita, encimada por um

petasus alatus (chapéu com asas) semi-esférico, de aba pequena. Desta orla evidenciam-se duas pequenas asas muito estilizadas, com forma relativamente semi-circular, entre as quais existe uma pluma estilizada, de contorno sub-retangular e com um sulco central. Esta pluma central no *petasus alatus* é uma característica da iconografia de Mercúrio de cariz egíptizante (Boucher, 1976, p. 110).

O rosto da divindade exhibe uma configuração ovalada e, apesar de algum desgaste na região facial, é possível distinguir os olhos, vestígios da boca e do nariz. Notam-se, também, os cabelos que caem sob o *petasus* em pequenas mechas encaracoladas, expondo ambas orelhas. Trata-se de um modelo de estatueta produzido entre os séculos II e III mas inspirado em protótipos mais antigos (Boucher, 1976, p.111).

Esta peça representa o deus Mercúrio de acordo com a iconografia tradicional. Contudo, foi-lhe subtraída a mão direita, onde seguraria o tradicional *marsupium* (bolsa das moedas) e, no lugar desta, adaptaram um objeto que, devido à sua configuração, interpretamos como sendo um remo. Este invulgar ato demonstra claramente a necessidade de alterar os atributos da divindade, isto é, direcionar os poderes do deus para um fim mais específico do interesse do cultuante. Apesar de ser uma solução bastante exótica na arte escultórica, o empréstimo ou transferência de atributos entre divindades é bastante frequente na mitologia greco-romana e na respetiva iconografia numismática. Este tipo de permutação de atributos permite que determinada divindade ganhe “capacidades” extras, cumprindo assim um objetivo muito específico ao reforçar e/ou direcionar alguma característica concreta da personalidade da divindade em questão.

Na epigrafia e na iconografia monetária é relativamente comum Mercúrio surgir associado à deusa Fortuna, ou esta surgir com

atributos do deus, nomeadamente com o caduceu (Combet-Farnoux, 1980, p. 426).

Fortuna é a divindade que personifica a sorte, boa ou má, tendo tradicionalmente adquirido uma conotação positiva devido ao facto de não representar uma ação determinista no destino do Homem, permitindo antes que cada um oriente o seu próprio destino através dos seus atos e práticas rituais. Na iconografia, normalmente, é figurada segurando no braço direito uma cornucópia, que representa a *Abundantia*, e na mão esquerda um remo/leme, o qual simboliza a capacidade desta divindade para guiar de modo diverso o destino dos humanos. Deste modo, o remo/leme representa o ato de guiar, conduzir, de levar a bom termo, conotando-se assim às viagens e, através destas, ao comércio (Arya, 2002, p. 77). O remo/leme agora associado a Mercúrio, divindade tutelar dos mercadores e dos viajantes, do lucro mercantil, pode pois fundamentar a conclusão de que este atributo pretende reforçar a ideia de boa condução e orientação, fazendo com que Mercúrio proteja e conduza prosperamente algum

empreendimento ligado às viagens mercantis por via marítima.

Ora um dos epítetos comuns de Fortuna é *Gubernatrix* (Arya, 2002, p. 78), a que conduz, dirige ou governa. Este surge aplicado a Mercúrio numa inscrição encontrada na Roménia, na região da Oltânia, na Antiguidade integrada na província romana da *Moesia Superior*. Provém de um acampamento militar romano da Legião VII Cláudia Maximina, que na altura ocupava aquele território. O dedicante dessa inscrição era um legionário que tinha a função de batedor (*speculator*). Consagrou-a, no séc. III d.C., às entidades pertinentes no desempenho da sua tarefa: à deusa Diana, divindade da floresta e dos seres selvagens; a Mercúrio *Gubernator*; e ao Génio da *statio* (acampamento militar) (Santos, 2011, pp. 537-538).

Visto isto, aqui no grande Tejo, não seria demasiado rebuscado imaginar algum mercador solicitar proteção e orientação a *Mercurius Gubernator*, o timoneiro do rio, para uma das suas viagens navais.

Notas

¹ Para mais informação sobre as questões que estas epígrafes levantam, ver Santos, 2011, p. 525-541.

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Catarina Vaz Pinto	Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parqueamentos, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millenium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património LDA.; The7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de	Serviços Financeiros e Investimentos LDA.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga		
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho		
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques		
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho		
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC		
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património LDA.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer;		

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> , Os Monumentos Epigráficos	COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Ana Caessa – CAL/DPC/DMC/CML Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML	EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
COORDENAÇÃO DO VOLUME Ana Caessa – Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL/DPC/DMC/CML)	© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.	CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt
Ricardo Campos – Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (CMSINTRA)	DESIGN GRÁFICO José Ribeiro	
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Amílcar Guerra Carla Matias Cézer Santos Florbel Estêvão José d'Encarnação Lídia Fernandes M. Manuela Alves Dias Ricardo Campos Sara Henriques Reis Sílvia Teixeira	ISBN 978-989-658-608-9	
	DEPÓSITO LEGAL 463308/19	
	TIRAGEM 1.500 exemplares	